



Telmo R. Nunes

# Os velhos

“Ir morrendo é pior do que morrer”  
Paula de Sousa Lima, «*Os Velhos*»

É incontestável a animação literária e cultural vivenciada no arquipélago e em São Miguel, em particular. Tem sido uma temporada incomum, com fulgor extraordinário e com uma qualidade que muito nos deve orgulhar.

Um dos livros lançados e, seguramente, um dos mais esperados foi «*Os Velhos*», o mais recente romance de Paula de Sousa Lima, autora, entre outros de «*O Outro Lado do Mundo*» (Prémio de Humanidades Daniel de Sá), «*Preterito Quase Perfeito e Outros Contos*», «*Variações em Dor Maior*», «*Os Últimos Dias de Pôncio Pilatos*» ou «*O Paraíso*» (Finalista do Prémio Leya). O seu lançamento ocorreu na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, tendo sido responsável pela apresentação pública, o professor e crítico literário Vamberto Freitas, que a todos presenteou com uma intervenção de excelência.

A escolha de «*Os Velhos*» para título desta obra é perfeita, sendo por aí mesmo que se inicia o forte abalo nas convicções do leitor. Ainda antes de abirmos o livro e de o folhearmos é, de imediato, evocado um mundo para o qual olhamos muitas vezes com desconforto, ou, pelo menos, relanceamos com um espírito longínquo e reticente: a velhice. Não me custa crer que haja quem o vá preterirnos escaparates, pela conveniência de não se confrontar com o assunto que ali vem explanado. Estudado antropologicamente, não é incomum furtarmo-nos ao tema, talvez por a velhice representar a condição final do Ser Humano, por não gostarmos de enfrentar o limiar da passagem para a dimensão seguinte, ou, talvez ainda, por ser nessa fase que teremos de abandonar, em definitivo, aquela ideia tonta que nos alimenta a mocidade e idade adulta e que se relaciona com a imortalidade. Só aí, quando já ecoarem os passos de um caminho inevitável e sem retorno, é que nos daremos conta da nossa própria finitude. Paula de Sousa Lima lança já um alerta para aqueles mais incautos. Por outro lado, mesmo não assumindo ainda essa condição etária, a velhice de outrem, de um familiar próximo, por exemplo, é encarada, demasiadas vezes, como um verdadeiro empecilho na engrenagem do dia-a-dia: todos temos as nossas obrigações e contas para pagar, e, por isso, precisamos de tempo e disponibilidade física e mental para desenvolvermos a nossa atividade profissional. Há também o imperativo dos ginásios ou das corridas ao fim do dia, aqueles encontros das quintas-feiras com os amigos de sempre, as mil e uma atividades extracurriculares dos filhos e, claro, restando algum tempo, pois que se empregue no restabelecimento de energias numa qualquer socialização que se agende. Ficam os velhos para trás.

Em «*Os Velhos*» é intensa a crítica social, sobretudo à forma como, tantas vezes, são tratados os nossos idosos, como são preteridos e/ou ludibriados em troca das trivialidades que nos vão alimentando o ego e, sobretudo, a carteira. Colocam-se a nu as fragilidades de um sistema de apoios sociais que, quando funciona, fá-lo muito deficitariamente. Mostra-se, sem pudor, como se maltratam aqueles que mais mimados e protegidos deviam ser. Se quiséssemos assumir uma postura simplista neste comentário, poderíamos apenas escrever que Paula de Sousa Lima redigiu um belo livro sobre pessoas velhas e as suas circunstâncias pessoais e familiares. Mas, pelo contrário, se optarmos por dar conta de uma leitura mais séria e aprofundada do volume em apreço, então teremos de enunciar que foi escrito um livro extraordinário sobre a sociedade atual e sobre a hierarquização dos valores que a regem, especificamente, sobre a forma como lidamos com as pessoas integradas nos escalões etários mais altos. «(...) são estes os dias modernos, implacáveis, que não deixam lugar aos velhos, que determinam esconder os velhos, apartá-los da vida (...)»

Valendo-se das vivências de três personagens principais, da história do nosso próprio país, assim como de uma estrutura assente em duas sequências divididas em vários andamentos, onde se entremeiam analepses com o tempo da narração, Paula de Sousa Lima retrata e censura toda uma sociedade patriarcal, com especial enfoque naquela da segunda metade do século XX, onde, a coberto dos imperativos de uma Ditadura velhaca, o poder do homem sobre a mulher era tido como normal, e, por isso, o espancamento e violação, o agrilhoar da mulher numa pocilga ou expulsá-la de casa, o adultério ou a censura eram atos desculpáveis e causados exclusivamente pelo comportamento feminino.

Embora expectável considerando as obras já publicadas pelo que vai escrevendo regularmente na imprensa regional, não podemos deixar de sublinhar o meticoloso cuidado empregue no discurso, na sintaxe, na smântica e na morfologia, pelo que, como sempre, ler Paula de Sousa Lima é também expandir o conhecimento da Língua: «(...) diz-se aborreceu, mas a palavra é fracota, melhor seria evas-perou, desesperou, enfureceu, agastou, assanhou, enraiveceu, encolerizou, embraveceu, irou, danou (...)»

Dir-se-ia que foi um verdadeiro ato de coragem escrever desta forma sobre esta temática. Para além de se assumir como um texto profundamente inovador, vem, ao mesmo tempo, contribuir para a discussão que, por estes dias, volta à montra da nossa sociedade, e que se relaciona com a despenalização da morte medicamente assistida. Sendo certo que não é questão exclusiva dos mais velhos, não deixa de ser verdade que são eles quem mais a procura e deseja, pelo que também aqui se poderão colher argumentos para consolidar opiniões.

Como tão bem enunciou Vamberto Freitas na apresentação desta obra, Paula de Sousa Lima demonstrou a “original capacidade de fazer arte com um tema proibitivo”. Embora seja triste e angustiante; conquanto seja errado e condenável colocarmos os nossos velhos nesse patamar tão rebaixado é esta a verdade crua em que vivemos. Nesse sentido, tenhamos também a capacidade de fazer arte com quem nos precedeu e assegurou que hoje pudéssemos deter uma existência integrados numa sociedade moderna, mas que se quer um pouco mais justa e aperfeiçoada.

Que este «*Os Velhos*» nos inculque as perguntas certas e nos guie até às respostas que realmente fazem a diferença.



Paula de Sousa Lima, «*Os Velhos*»,  
Letras Lavadas edições, 2022